

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
REVISITAR OS GRANDES GÊNEROS: FILM NOIR | DISPONÍVEIS PARA O NOIR
3 e 6 de Novembro de 2021

DODEN ER ET KJAERTEGN / 1949
(“A Morte é uma Carícia”)

Um filme de Edith Carlmar

Realização: Edith Carlmar / Argumento: Otto Carlmar, baseado no romance homónimo de Ame Moen / Direcção de Fotografia: Kare Bergrstrom e Ragnar Sorensen / Música: Sverre Bergh / Montagem: Olaf Engebretsen / Interpretação: Claus Wiese (Erik Hauge), Bjorg Riiser-Larsen (Sonja Rentoft), Eva Bergh (Marit), Ingolf Rogde (Rentoft), Einar Wage (Toresen), Brita Bigum (Brita), Sossen Krogh (Vera), Signe Heide Steen (Martha), Haakon Arnold (Olsen), Gisle Straume (advogado de Erik), etc.

Produção: Carlmar Film / Produtor: Otto Carlmar / Cópia: 35mm, preto e branco, falada em norueguês com legendas em inglês e legendagem electrónica em português / Duração: 92 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

O cinema norueguês é bem menos conhecido do que o dos seus vizinhos nórdicos como a Suécia e a Dinamarca, talvez por nunca ter tido uma “ponta de lança” do calibre de um Bergman ou de um Dreyer. E, portanto, muito provável que, mesmo numa altura em que se lança um novo olhar sobre o trabalho de mulheres cineastas ao longo dos tempos, o espectador nunca tenha ouvido falar de Edith Carlmar (1911-2003), tida como a primeira realizadora norueguesa. **Doden er et Kjaertegn** foi o seu filme de estreia, ponto de partida de uma obra que não se estendeu muito no tempo (sensivelmente uma década: Carlmar realizou a sua última longa-metragem de ficção em 1959, filme, aliás, onde fez estreiar uma jovem actriz chamada Liv Ullmann) mas correu a bom ritmo, deixando uma dezena de filmes (contando apenas as longas de ficção). Carlmar, que também era actriz (e nunca deixou de ser: o seu último crédito nessa função é de 2003, ano da sua morte aos 92 anos), trabalhava em tandem com o seu marido Otto, que habitualmente se ocupava da escrita do argumento e das tarefas de produção, ficando Edith com as responsabilidades da realização.

É um filme surpreendente, **Doden er et Kjaertegn**. Em primeiro lugar, e atendendo ao contexto em que o programamos, pelo perfeito exercício de mimetismo que opera com os códigos, as convenções e os ambientes do “noir” americano. E nem falamos apenas, nem sobretudo, das características visuais e estéticas do “noir” americano, mas do seu fundo social, do retrato do rés-do-chão de uma sociedade um pouco cambaleante na sua moralidade. O filme de Carlmar lembra imenso, por isso, a tradição do “noir” importada dos romances de James M. Cain, por exemplo maior, e até há um momento (a inscrição na campanha de Erik: “toque duas vezes”) que se não é parece uma citação explícita desse universo (a partir do “postman” que tocava sempre “twice”). O primeiro terço do filme está cheio de cenas e caracterizações reconhecíveis. O modesto e pacato mecânico que está muito bem (ou muito mal) na sua vidinha e é desinquietado pela chegada de uma “vamp”; a espécie de vertigem, de desequilíbrio, que isso traz ao seu espírito, vertigem e desequilíbrio que têm tanto uma raiz erótica como derivam de um desejo de ascensão social (farto de arranjar os carros que os ricos estampam impunemente, Erik quer agora ser ele a andar nesses carros), introduzindo ou salientando a questão de “classe”, e do par formado por elementos de patamares sociais diferentes, que também é fulcral em muito “noir”. E até o procedimento através do qual é conduzida a narração, um flash-back, o “racconto” de Erik ao seu advogado, é algo de

tipicamente noir. Inúmeras sombras passam pelo espírito do espectador, do **Double Indemnity** de Wilder ao **Out of the Past** de Tourneur (sem contar com os filmes extraídos a Cain, como já dissemos).

Mas mais surpreendente ainda é o facto de o “noir” funcionar como um “trompe l'oeil”. Sem nunca abandonar decididamente esse registo - tudo conduz a um crime, afinal de contas - o filme de Carlmar liberta-se das peripécias típicas do “noir”. O espectador, engodado pelo rumo referencial do filme, fica à espera de ver como é que as coisas vão dar para o torto. Será que Sonja (a “femme fatale”) está a manipular Erik para dar uma golpada qualquer? Aquele marido dela que às tantas aparece, será que vai ser ele a verdadeira vítima desta história? Espantosamente, as expectativas do espectador educado na cartilha do “noir” vão sendo sempre excitadas mas, logo a seguir, goradas. O arco do filme é outro: passar de **The Postman Always Rings Twice** a algo que, à falta de melhor exemplo (mas ficando ainda na Escandinávia), seria umas **Cenas de um Casamento**. Há evidentemente “vítimas colaterais” no filme (sobretudo a tão triste mas tão digna Marit, a raparigueta que Erik troca por Sonja), mas as únicas vítimas, vítimas de si próprias, são as personagens do casal. Carlmar filma o arco de uma relação funesta, entre o encantamento inicial, capaz de mover montanhas, e a lenta mas inexorável degradação rumo à maior sordidez e falência moral. Como quem não quer a coisa, vai passando pelo écran uma série de temas que em 1949 ainda não era frequente o cinema retratar com tanta franqueza: a infidelidade conjugal, o alcoolismo (um achado, aquele “relógio” feito com garrafas e copos no lugar de ponteiros e números), o aborto. Não numa perspectiva moralista (embora certamente “castigadora”, mas isso não é necessariamente “moralismo”), mas com a casualidade de quem observa uma engrenagem, um encadeado de acontecimentos que nunca têm volta atrás, e que vai também pondo a nu a alma e o carácter daquele par de personagens que se devora mutuamente (e que a câmara de Carlmar não escolhe: mesmo a eventual simpatia que Erik começa por suscitar, e que vem muito da referência aos códigos do “noir” - “ah, o pobre rapaz enfeitiçado pela mulher fatal” - acabará por se desfazer, em cenas onde o seu carácter descontroladamente violento vem ao de cima).

E assim, este filme feito em casal é, para lá de todas as “co-optações” dos códigos do “noir”, um dos mais violentos e desesperados retratos da vida de casal alguma vez filmados.

Luís Miguel Oliveira